

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCACAO FISICA**

GUILHERME GAMON SONOBE

**ESCALADA PARA AS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: ORIENTAÇÕES
E CUIDADOS**

**Campinas
2011**

GUILHERME GAMON SONOBE

**ESCALADA PARA AS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: ORIENTAÇÕES
E CUIDADOS**

**Trabalho de conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à
Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade
de Educação Física de Campinas
para obtenção do título de
Bacharel em Educação Física.**

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araujo

Campinas

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
BIBLIOTECA “PROFESSOR ASDRÚBAL FERREIRA BATISTA”
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - UNICAMP

So59e Sonobe, Guilherme Gamon, 1985-
Escalada para pessoas com deficiência visual:
cuidados e orientações / Guilherme Gamon Sonobe. -
Campinas, SP: [s.n], 2011.

Orientador: Paulo Ferreira de Araujo
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Escalada. 2. Paraolimpíadas. 3. Deficientes visuais. I.
Araujo, Paulo Ferreira de. II. Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Climbing for people with visual impairment: care and guidelines.

Palavras-chaves em inglês:

Climbing

Visually impaired

Paralympics

Titulação: Bacharelado em Educação Física

Banca examinadora:

Paulo Ferreira de Araújo [orientador]

Matheus Betanho Campana

Data da defesa: 29-06-2011

GUILHERME GAMÓN SONOBE

**ESCALADA PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
VISUAL: ORIENTAÇÕES E CUIDADOS**

Trabalho de conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à
Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade
de Campinas para obtenção do
título de Bacharel em Educação
Física defendido por Guilherme
Gamón Sonobe e aprovado pela
Comissão julgadora em: 29.06.2011

Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo
Orientador

Campinas
2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo agradecer aos meus familiares, principalmente aos meus pais, Rubens e Miriam, pela paciência que tiveram comigo ao longo desses anos de graduação, pelo suporte, pelos carinhos, broncas, conselhos e por acreditar em mim.

Não poderia deixar de citar meus irmãos, Henrique e Raquel, por me apoiarem, pelas diversas discussões, e infinitas demonstrações de carinho, pelas ajudas nos momentos mais complicados e cobertura quando necessário. Eles entenderão.

Ao restante dos familiares, que por diversas vezes me perguntou: “ Quando você se forma?”. À todos esses, pela compreensão da minha resposta, e pelo orgulho demonstrado com meu ingresso à faculdade. Meus avós, Rafael e Niza, Satico e Minoru (em memória), pelo grande amor demonstrado, pelo carinho e abraço caloroso que me recordo desde sempre.

Aos amigos, isso inclui todos aqueles a minha volta, não vou citar nomes por medo de esquecer alguém, ato que eu jamais me perdoaria. Agradeço a vocês por fazerem parte do meu crescimento profissional e pessoal.

Enfim, agradeço aqueles que sempre estiveram ao meu lado, em momentos alegres, e em momentos difíceis. Preso pela amizade e amor de cada um de vocês, e a única coisa que eu posso fazer é tentar retribuir à altura todo esse carinho. Obrigado !!!

À Deus por tornar tudo isso possível !

"Eu errei mais de 9000 arremessos na minha carreira. Perdi quase 300 jogos. Em 26 vezes, confiaram em mim pra fazer a cesta da vitória, e eu errei. Eu falhei uma vez, de novo, e outra vez na minha vida. E é por isso que eu obtive sucesso."

(Michael Jordan)

Sonobe, Guilherme Gamón. **Escalada para pessoas com Deficiência Visual: Cuidados e Orientações**, 2011.43f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011

RESUMO

Os esportes de aventura vem ganhando cada vez mais espaço. São esportes que a cada dia passa conta com mais adeptos, que buscam nos esportes uma válvula de escape de sua rotina estressante. O contato com a natureza, sensações como liberdade, adrenalina, medo são experimentadas pelo público que mesmo com receio, “arriscam-se” nesse tipo de esporte e na maioria das vezes saem satisfeitos com o que encontram. Esse trabalho tem como objetivo estudar uma das modalidades desses esportes: a escalada e um público pouco comum nesse cenário esportivo, os deficientes visuais. Através de uma revisão bibliográfica no qual passaremos pela história da deficiência visual, mostrando como os esportes adaptados nasceram e evoluíram até chegar no maior e mais recente espetáculo, os jogos Paraolímpicos de Pequim em 2008. Será possível aprender um pouco dos procedimentos pelo qual as pessoas devem saber e aprender antes de se aventurar nesse esporte. Enfim, poderemos vislumbrar que embora pareça impossível para alguns, a escalada pode ser feita por qualquer pessoa, até mesmo as cegas, desde que estejam com todos os equipamentos de segurança e muito bem orientados.

Palavras chaves: Escalada; Deficiente visual; Paraolimpíadas

Sonobe, Guilherme Gamón. Climbing for People with Visual Impairment: Care and Guidelines, 2011.43f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011

ABSTRACT

The adventure sports are gaining more and more space. Along the years, these sports have more supporters, people who find in outdoor sport a scape from their stressful routine. The contact with the nature, freedom sensation, adrenaline and fear are experienced by the public that even with fear they take a risk in this kind of sport, and most of the time they end up feeling satisfied. This work aims to study one of the modalities of these sports: rock climbing and an unusual public sport in this scenario, the visually impaired. Through a literature review in which we will pass by the history of visual impairment, showing how the sport evolved and adapted born until the latest and greatest spectacle, the Beijing Paralympic Games in 2008. It will be possible to learn some of the procedures by which people should know and learn before venturing into this sport. Finally, we will be able to envision, although it may seem impossible for some, rock climbing can be done by anyone, as long as everyone is with all the safety equipments and well guided.

Keywords: Climbing; Visually Impaired; Paralympics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capacete de escalada	23
Figura 2 - Mosquetões	23
Figura 3 - Costura	24
Figura 4 - Cadeirinha.....	24
Figura 5 - Fita.....	25
Figura 6 - Diferentes tipos de freio (ATC; FREIO 8; GRI-GRI).....	26
Figura 7 - Confecção do nó oito	27
Figura 8 - Confecção do nó oito direcionado.....	27
Figura 9 - Costura sendo colocada no P	28
Figura 10 - Como colocar a corda na costura	29
Figura 11 - Esquema de parada/ancoragem	30
Figura 12 – Sistema de localização de agarras.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro representativo dos Jogos Olímpicos ao longo dos anos.....	17
Tabela 2 - Procedimentos e Cuidados	36

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2. ESPORTE ADAPTADO.....	13
2.1 Jogos Paraolímpicos no Brasil.....	18
3. DEFICIÊNCIA VISUAL.....	20
4. ESCALADA	21
4.1. Procedimento para escalar	26
4.2. Procedimento de descida	30
5. ESCALADA E DEFICIENTE VISUAL	32
5.1. Saída a campo	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Os esportes na natureza, sempre exerceram fascínio sobre mim. A possibilidade de sentir sensações como o medo, liberdade, e superação. A adrenalina inundando o corpo de uma sensação prazerosa faz com que se queira cada vez mais e mais. Esse espírito de liberdade/aventura tão presente nas grandes conquistas da humanidade, em especial no século XVI, quando o homem desbravou os mares e foi ao encontro de novas civilizações, é presente hoje nas atividades esportivas de risco, (risco calculado) que permite ao homem jogar com as chances de destino, de conquista e adversidades.(COSTA, 2000)

Os esportes na natureza é um fenômeno recente, temos o *boom* do crescimento a partir dos anos 80. Atualmente esse é um mercado em franca expansão, para se ter uma idéia do crescimento da modalidade, temos hoje no Brasil, uma feira exclusiva para esse segmento esportivo, *ADVENTURE SPORTS FAIR*, que não só é a maior feira brasileira, como também da America do Sul.

Os esportes como já é provado, se praticado com moderação, é benéfico a saúde. E os esportes na natureza não são diferentes. O mundo em que vivemos hoje com alto índice de estresse, horários cada vez mais apertados, faz com que procuremos em nossas horas livres, uma válvula de escape para essas tensões. É por esse motivo que as pessoas tem procurado os esportes na natureza, para que se esqueçam de suas preocupações cotidianas, e ao menos ali, durante sua atividade ela possa relaxar sem pensar em nada. Segundo Bruhns,(2009), há uma pesquisa realizada pela UNIFESP no qual comprova que pessoas em estado de recuperação médica, recuperam-se mais rápidos quando submetidos ao simples contato com a natureza do que aqueles que ficam na cidade.

Meu contato com os deficientes visuais se deu por volta dos meus 14 anos, quando nadava pelo clube Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), e o que sempre me chamou a atenção foi a força e vontade de superação que neles havia. Depois, na faculdade, com os professores da faculdade envolvidos com as matérias de adaptadas, pude vislumbrar um vasto campo esportivo no qual os

deficientes visuais (DV) podiam se inserir e realizar as atividades. Ser um DV, não é necessariamente ter que ficar em casa, esperando pelo dia fatídico da morte, pelo contrário, os DV podem fazer tudo que bem lhe entendem inclusive esportes radicais, ou na natureza.

Esse estudo tem como objetivo demonstrar através de uma revisão bibliográfica, como o esporte adaptado teve seu início, como tem sido sua evolução e provar que é possível a um deficiente visual praticar qualquer tipo de esporte, até mesmo a escalada. Esse último será o foco das atenções, comparando a modalidade para pessoas ditas “normais” e deficientes visuais.

2. Esporte adaptado

Com intuito de organizar o pensamento acerca do esporte adaptado, vale fazer uma breve introdução de como os esportes adaptados nasceu, como evoluíram e como tem seguido.

Não temos registros literários que possam afirmar com toda a certeza de que lugar ou época o esporte adaptado tenha surgido. O esporte adaptado como conhecemos hoje, teve sua origem após a Segunda grande Guerra Mundial, com o número crescente de lesionados/traumatismos em decorrência dos combates.(ARAÚJO, 1998).

Era necessário criar uma política de reabilitação, para que os ex-combatentes vítimas de traumatismos pudessem retornar a sociedade de forma sadia, pois 80% dessas pessoas estavam condenadas a morte, devido ao precário conhecimento medicinal a respeito.(FLORENCE, 2009). Araújo,(1998, p.20) nos diz que:

“...acredita-se então, no esporte como sendo acelerador do processo de reabilitação. É de nosso conhecimento que os ferimentos causados por traumatismos, em decorrência de uma guerra, são restabelecidos; todavia, as seqüelas decorrentes de grandes lesões, principalmente as causadas por traumatismos raquimedulares ou as grandes amputações, são de difícil restabelecimento social e emocional.”

Em 1944, o governo britânico, preocupado com a condição dos ex-combatentes vítimas de traumatismo medulares, convida o médico alemão Sir Ludwig Guttmann, para coordenar o centro de reabilitação para soldados lesionados medulares de Stoke Mandeville, próxima a cidade de Aylesbury. No ano seguinte, Guttmann, vê no esporte uma maneira de trabalhar o desenvolvimento desse publico e em 1946, segundo Winnick(1990) nos Estados Unidos, através do Mr. Benjamin H. Lipton, as pessoas tem suas atenções voltadas para o Flight Weels(rodas voadoras), um grupo de ex-combatentes que passaram a percorrer o país com intuito de divulgar o basquete em cadeiras de

rodas. A iniciativa foi tão bem recebida, que não apenas ex-combatentes, mas também civis acometidos de lesões medulares, poliomielite, amputados e outros passaram a praticar o esporte.

Em 28 de junho de 1948, houve os primeiros jogos de Stoke Mandeville, que contou com as modalidades de tiro ao alvo, arremesso de dardo e arco e flecha. Já em 1950, a troca de informações e conhecimento tem seu início entre Inglaterra e Estados Unidos, através de Dr. Guttmann e Lipton. Nesse encontro nasce o convite para que uma equipe norte-americana participe dos Jogos de Stoke Mandeville, que passara a ser um evento anual. Em 1956, o Comitê Olímpico Internacional reconhece oficialmente os Jogos de Stoke Mandeville. Em 1958, os jogos de Stoke Mandeville, passa a ter reconhecimento internacional, passando a ser chamado de Jogos Internacionais de Stoke Mandeville. (ARAÚJO, 1998)

Em 1960, em Roma, os Jogos de Stoke Mandeville, teve a participação de 400 pessoas, de 23 países diferentes, sendo que 230 eram competidores. Esse evento teve o apoio do Comitê Olímpico Italiano (COI), esses jogos contou com uma audiência pública com o Papa João XXIII. Segundo Fracas (1995), o Papa disse ao Dr. Guttmann, em reunião privada, olhando-o nos olhos: “Tu é o Coubertin dos Deficientes” comparando o Dr. Guttmann à Barão de Coubertin que foi o idealizador dos jogos Olímpicos. Seguindo a ordem cronológica, tivemos vários outros jogos para deficientes, em 1964 no Japão, que contou com 450 atletas de 25 países. Nesse mesmo ano surgiu a segunda organização internacional de desporto para deficientes, a ISOD (Internacional Sports Organization for the Disabled), Organização Internacional de Esportes para Deficientes. (ARAÚJO, 1998).

Nessa mesma época, nasce o termo Paraolímpico, que nunca fora adotado pelos jogos de Stoke Mandeville, que manteve a realização dos jogos todos os anos, com o nome de Stoke Mandeville Games. (BEDBROOK, 1987)

Em 1968, devido a falta de organização do comitê mexicano, os jogos foram transferidos para Tel Aviv, Israel, que contou com a construção do primeiro complexo adaptado do mundo, estando presentes 750 atletas de 29 países. Em

1972, os Jogos foram realizados na Alemanha e teve a presença de 1.400 atletas de 44 países diferentes. Nesses jogos paraolímpicos o Brasil obteve o seu primeiro reconhecimento de melhor jogador, consagrando Claudio Araujo, como o melhor jogador de basquete daqueles jogos.(FLORENCE, 2009).

Segundo os estudos de Araújo, (1998) o Canadá sediou as Olimpíadas e os jogos paraolímpicos, em locais distintos, Montreal e Toronto respectivamente. Nesse ano o Brasil sagrou-se campeão na modalidade de Bocha, ganhando duas medalhas de ouro. Os Jogos do Canadá marcou a inclusão dos deficientes visuais e paralisados cerebrais aos jogos.

Em 1980, os jogos paraolímpicos foram realizados na Holanda, que se incumbiu de promover o evento, uma vez que os jogos Olímpicos eram realizados em Moscou. Esses foram os últimos jogos no qual Dr. Guttmann participou. Ele faleceu em 18 de março de 1980. Sua morte significou uma perda enorme para todo o movimento paraolímpico, assim como para as pessoas portadoras de deficientes ao redor de todo mundo.(ARAÚJO, 1998)

Devido a necessidade de inclusão de todos os participantes de diversas deficiências, em 1982, elaborou-se critérios para Classificação Funcional. Ou seja, a partir desse momento, destrói-se uma elitização do esporte paraolímpico que vinha acontecendo, no qual apenas os mais aptos, ou com menor nível de lesão/seqüelas eram selecionados para disputar os jogos. Através da Classificação funcional é possível que atletas com mesmo grau de deficiência/dificuldade, possam jogar juntas. Criou-se um instrumento capaz de distinguir habilidades motoras/mentais/sensoriais e classificá-los em grupos, sem que haja beneficiamento por qualquer parte.

Em 1984, as olimpíadas foram realizadas na cidade de Los Angeles, no entanto, os jogos paraolímpicos foram divididos em dois. Os cadeirantes foram recebidos em Aylesbury, Inglaterra e os demais (cegos, amputados, paralisados cerebrais) foram recebidos em Nova York, Estados Unidos. Essa paraolimpíada contou com a presença de mais de 1700 atletas de 45 países, tendo como expoentes Estados Unidos e Inglaterra. (FLORENCE, 2009)

Em Seul, 1988, os jogos voltam a ser novamente sediados na mesma cidade que os jogos olímpicos tradicionais, o evento contou com a presença de mais de 3000 atletas de 61 países distribuídos em 16 modalidades diferentes. O Brasil teve uma expressiva participação com quadro total de 27 medalhas, sendo elas 4 de ouro, 10 de prata e 13 de bronze. Além desse feito, tivemos a quebra de dois recordes mundiais no dardo e um paraolímpico no disco. (FLORENCE, 2009)

Em 1992, as Paraolimpíadas foram realizadas em Barcelona e aconteceu no mesmo local que as olimpíadas. Os dois eventos foram organizados pelo mesmo comitê dos Jogos Olímpicos. Esse evento contou com a presença de mais de 3.100 atletas de 94 diferentes países. Ficou marcada por ser a primeira Paraolimpíada realizada sob o comando do Comitê Paraolímpico Internacional (CPI). (ARAÚJO, 1998)

Segundo Florence (2009) em 1996, foi a vez dos Estados Unidos realizarem o evento olímpico e paraolímpico, com os mesmo moldes de Barcelona, contou com mais de 3.200 atletas de 103 países, e contou com o convite inédito para os deficientes mentais em caráter de competitivo.

De acordo com a mesma autora, os jogos de Sydney, na Austrália, em 2000, foi o maior evento paraolímpico esportivo já realizado até então, sua estrutura apenas perdia para os jogos olímpicos. Nesse ano, contou com a presença de 3.800 participantes deficientes de 122 países diferentes. Em 2004, na Grécia, os jogos Paraolímpicos foram realizados na cidade de Atenas, e teve como medida inédita, a criação de um único comitê, que teve a responsabilidade de coordenar tanto os jogos olímpicos como os paraolímpicos, tornando-os um evento único e compartilhado.

Em 2008, os Jogos Paraolímpicos ocorreram em Pequim, China houve a participação de 3.951 atletas (1383 mulheres) de 146 países diferentes. (INTERNACIONAL PARALYMPIC COMMITTEE – IPC, 2011).

A delegação brasileira levou para a China 611 atletas, sendo 475 do sexo masculino e 136 do sexo feminino, disputando 78 diferentes modalidades, e agregou 47 medalhas ao quadro brasileiro. (COMITÊ PARAOLIMPICO BRASILEIRO - CPB, 2011)

Cidade sede	Ano	Nº Atletas	Países participantes
Roma, Itália	1960	400	23
Tóquio, Japão	1964	450	25
Tel Aviv, Israel	1968	750	29
Heidelberg, Alemanha	1972	1400	44
Toronto, Canadá	1976	1657	40
Arnhem, Holanda	1980	1973	42
Stoke Mandeville (Cadeirantes)	1984	1100	41
Nova York , Estados Unidos	1984	1800	45
Seul, Coreia	1988	3057	61
Barcelona, Espanha	1992	3001	94
Atlanta, Estados Unidos	1996	3529	104
Sidney, Australia	2000	3881	122
Atenas, Grécia	2004	3808	135
Pequim, China	2008	3951	146

Tabela 1: Quadro representativo dos Jogos Olímpicos ao longo dos anos

De acordo com a tabela acima, podemos tirar algumas conclusões. No quadro temos a cor verde mostrando que os Jogos Olímpicos até o ano de 1984 foram realizados em locais diferentes ao dos Jogos Paraolímpicos. Até então o número de países que compunham as paraolimpíadas não tivera grande expressão, o número de países participantes sempre fora inferior a cinquenta. O fato de considerar esses eventos com distinção, de possuir comitês organizadores diferentes, com pensamentos opostos, contribui para que os jogos fossem tratados de maneira diferente e tivessem sido realizados em locais distintos. A incoerência de pensamentos, fez com que tivéssemos uma paraolimpíada dividida, no qual os cadeirantes disputaram seus jogos na Inglaterra, e os demais atletas deficientes tiveram seus jogos sediados nos Estados Unidos.

No entanto, a partir de Seul, Coreia 1988, as Olimpíadas e as Paraolimpíadas passaram a ser sediadas e organizadas pelo mesmo comitê, o que significou o amadurecimento de idéias com respeito à deficiência. Os atletas passam a ser vistos e tratados com igualdade. Como resultado dessa “aliança” a

participação dos países cresceu mais de 200%, entre Nova York e Pequim, o número de atletas cresceu quase 120% em 24 anos. Esses números podem ser explicados pela mudança de pensamentos que possibilitou enxergar os deficientes como pessoas. Esse novo panorama possibilitou a captação de investimentos, promoção de estudos voltados para as necessidades desse público, melhoria nos treinamentos, criou-se profissionais que podem viver do esporte adaptado.

2.1 Jogos Paraolímpicos no Brasil

No Brasil a introdução dos esportes adaptados se deu por duas pessoas, Sr. Robson Sampaio de Almeida, e Sergio Serafim Del Grande, que ao passarem por reabilitação nos Estados Unidos na década de 50, conheceram o basquete de cadeiras de rodas. Em 1958, já no Brasil, após uma demonstração dos “Pan Jets” (time de basquete de cadeiras de rodas americano) o primeiro treino de basquetebol em cadeiras é realizado no Hospital das Clinicas em São Paulo, com 10 integrantes. E em 28 de julho de 1958, nasce o Clube dos Paraplégicos de São Paulo. Essa data foi escolhida não por mero acaso, foi a mesma data em que Dr. Ludwig Guttmann começou em 1948 o esporte para deficientes físicos em Stoke Mandeville, Inglaterra. (ARAUJO, 1998)

Em 1975, o professor Aldo Micollis criou a Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE), no Rio de Janeiro, que tinha como meta reunir todos os esportes em que os deficientes de qualquer natureza estivessem envolvidos. A partir de 1984, as modalidades passam a ser divididas em categorias, e com isso criam-se quatro associações. A primeira delas, nesse mesmo ano, ABDC – Associação Brasileira de Desporto para Cegos. Em 1989 a Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais – ABDEM. Em 1990 a Associação Brasileira de Desporto para Amputados – ABDA, e a Confederação Brasileira de Desporto para Surdos - CBDS (1997). No dia 9 de fevereiro de 1995, seguindo uma tendência mundial, as quatro associações acima citadas se unem e formam o Comitê Paraolímpico Brasileiro, com os objetivos de: “Consolidar o movimento paraolímpico no Brasil, visando o pleno desenvolvimento

e difusão do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência em nosso país.” (CPB, 2011)

3. DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual é caracterizada por perdas parciais ou totais da visão, que após a melhor correção ótica ou cirúrgica, limitem seu desempenho normal. (MELO, 1991)

Segundo Gorla, 2009, há três tipos de classificação para os deficientes visuais:

- Legal: oferece garantias ao deficiente, estabelecendo seus direitos como cidadão
- Educacional: a classificação está vinculada, de forma genérica, à alfabetização
- Esportiva: os deficientes visuais são classificados em B1, B2 e B3, seguindo as regras da Internacional Blind Sports Association - IBSA 1993.

Nesse estudo irei apenas focar a classificação esportiva, objeto de estudo desse trabalho, portanto, segundo a IBSA, temos:

A Sigla B, é proveniente de Blind = Cego.

- B1: nenhuma percepção de luz, em qualquer dos olhos, até a percepção de luz, com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão, em qualquer distancia ou direção;
- B2: capacidade de reconhecer o formato de uma mão até a acuidade visual de 2/60 (pés) e/ou campo visual menor que cinco graus;
- B3: acuidade visual acima de 2/60 (pés) até a acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de cinco graus e menos de vinte graus.

4. ESCALADA

O fascínio do homem pela natureza não é de hoje, as culturas antigas já demonstravam grande admiração pela mãe natureza, e também por suas altas e lindas montanhas. Os antigos povos como maias, fizeram delas o local escolhido para erguerem suas civilizações. Em seu livro Esportes de aventura e Risco na montanha, a autora (COSTA, 2000, p.68) lembra que essas cadeias rochosas traziam também,

noções de estabilidade, imutabilidade e até de pureza. Monges faziam sacrifícios nos picos das montanhas; Moisés recebeu as Tábuas da Lei no pico do monte Sinai; os taoístas, os budistas, os islâmicos, os chineses, os gregos, os persas, os tibetanos, todos vinculam suas purificações a montanha. Templos maias e babilônicos se instalaram no alto. Entrar na montanha, para os taoístas, é um meio de entrar na via celeste.[...] Para os africanos, a montanha é um dos lugares onde reside o sagrado, onde habitam os deuses, os espíritos, as forças ocultas.

Seja pela idéia de purificação, pelo desejo de aventura, ou pelas magníficas paisagens que se pode ter das alturas, a verdade é que cada vez mais os homens procuram subi-las.

Segundo Romanini e Umeda (2002) a escalada, ou *climbing*, tem seu surgimento no Renascimento, 1492. Quando o então rei francês Carlos VIII, mandou que seu camareiro-mor, Antonie de Ville Beupré subir até o topo do Monte Agulha, na França, para relatar o que se via lá de cima. Nesse mesmo período o pintor Leonardo Da Vinci também subiu algumas montanhas na Itália e França por curiosidade científica. Outro fato marcante ocorreu em 1786, quando o Mont Blanc (4.807 metros) foi conquistado pelos franceses Jacques Balmat e Michel Paccar que o fizeram visando o prêmio dado pelo naturalista e amante do montanhismo De Saussure, considerado o verdadeiro precursor desse esporte.

A corrida para conseguir chegar ao alto das maiores montanhas do mundo, teve seu desfecho com a conquista do monte Everest, o mais alto do planeta, com

seus 8.848 metros de altura, localizado entre a China e Nepal, pelo neozelandês Edmund Hillary e o sherpa tibetano Tensing Norkay¹.

No Brasil, não há muitos relatos de montanhismo ou escalada, no entanto, sabe-se que os bandeirantes foram os primeiros a explorar as montanhas atrás de ouro, porém não há documentação que prove tal fato. A primeira conquista data de 1856, quando sozinho, José Franklin da Silva, escalou a quinta maior montanha brasileira, o Pico das Agulhas Negras com 2.787 metros. (ROMANINI e UMEDA, 2002)

Aos 13 anos de idade, Erik Weißenmayer, perdeu sua visão provocado por uma doença genética, no entanto, não desistiu de seu sonho de escalar o Monte Everest, a montanha mais alta do mundo. Aos 32 anos de idade, após já ter escalado os outros sete picos mais altos do planeta entre eles, Kilimanjaro, 5.895m (Tanzânia) e Aconcagua, 6.959m (Argentina), ele entra para história ao ser o primeiro homem cego a chegar ao cume mais alto do mundo, no dia 25 de maio de 2001².

Por ser tratar de um esporte em que o risco de vida é eminente, é necessário que a pessoa que for escalar use alguns itens de proteção indispensáveis, como: Capacete, mosquetão, costuras, corda, cadeirinha, cordim, freios, saco de magnésio e sapatilha.

¹ http://aventurese.ig.com.br/materias/16/0401-0500/472/472_01.html

² http://www.finalsports.com.br/03/blog_guria/?p=1267

* Capacete: Imprescindível na escalada em rocha, uma vez que pode haver pedregulhos soltos durante a ascensão. Feito de polietileno, é muito resistente e absorve bem os impactos.



Figura 1 : Capacete

* Mosquetões: Espécie de argola feita de aço ou liga especial de alumínio, possui várias finalidades, dentre elas prender o escalador a rocha, prender os equipamentos, etc. Existem modelos com e sem rosca.

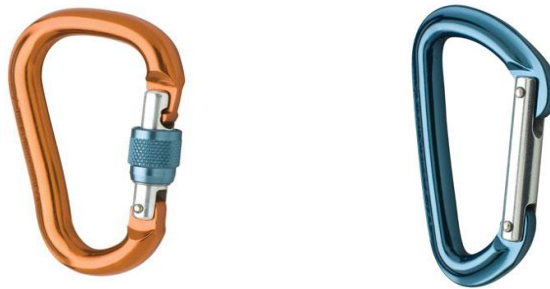


Figura 2: Modelos de mosquetões com e sem trava

* Costuras: São usados dois mosquetões unidos a uma fita, que tem como principal atuação fazer as proteções nas vias. Uma das pontas é colocado na rocha, e a outra na corda do escalador guia.



Figura 3: Costura

* Corda: Possui dois tipos, a estática e a dinâmica. Elas se diferem quanto a sua elasticidade, a primeira é praticamente inelástica, usada como cabo fixo. Já a segunda possui um coeficiente elástico e podem amortecer quedas, são as mais utilizadas pelos escaladores, por serem mais seguras.

* Cadeirinha: Faz parte do sistema de segurança. Formada por um cinturão largo com uma fivela e uma fita com duas laçadas para as pernas.



Figura 4: Cadeirinha

* Cordim: Cordão de espessura fina (bem menor que a corda) utilizado para carregar acessórios e para fazer o nó prussic, que é um nó blocante, ou seja, que serve para travar: ele desliza sobre a corda, mas trava imediatamente ao ser tracionado, como acontece nos cintos de segurança dos automóveis..

* Fitas: São implementos usados para segurança. Tanto na cadeirinha quanto ancoragem. Possuem diversos tamanhos, sendo as mais comuns de 15cm e 30cm.



Figura 5: Fita

* Freios: Equipamento básico de segurança. Os três modelos mais usados hoje são o ATC, o OITO, E O GRI-GRI. O mais ineficaz é o oito, além de ser pesado ele pode torcer a corda, o que diminui sua vida útil. O ATC (Air Traffic Controller) mais leve e não torce a corda. Já o Gri-gri, funciona como a trava dos cintos de segurança dos carros, se a corda levar um tranco, ele trava automaticamente.



Figura 6: Diversos tipos de freios: ATC, FREIO OITO e GRI-GRI respectivamente

* Sapatilha: Calçado especial de sola lisa feito com uma borracha bem aderente. As sapatilhas geralmente são usadas bem justas, até mesmo apertadas para que a precisão dos movimentos possa ser aumentada.

* Saco de magnésio: Bolsa geralmente afixada na cintura do escalador, que tem como função armazenar o pó de magnésio, substância que absorve a umidade, portanto, deixa as mãos do escaladores sempre secas.

4.1 Procedimento para escalar.

Por se tratar de um esporte com alto risco de vida, nunca é demais pensarmos em segurança. Para tanto a primeira coisa que devemos aprender é a confecção dos nós de segurança, pois eles nos darão total suporte em eventuais quedas. O principal nó é chamado de oito duplo, sem ele não há como escalar uma vez que esse nó vai atrelado a cadeirinha por uma das pontas da corda, é sem dúvida o mais importante para escalar.

Abaixo as duas maneiras de confeccionar o nó oito:

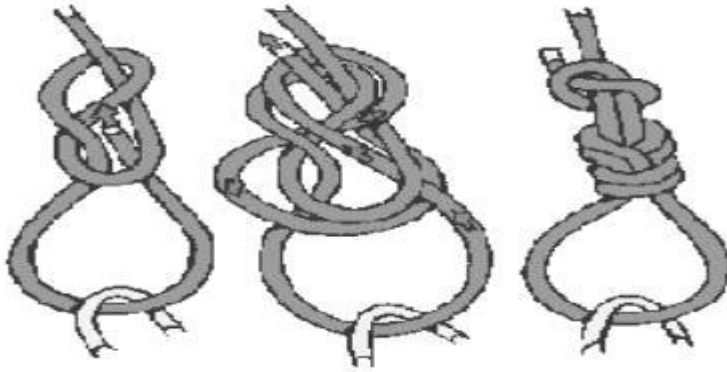


Figura 7: Nesta imagem temos o nó feito com uma das pontas da corda, demonstrando como se passasse pela cadeirinha.

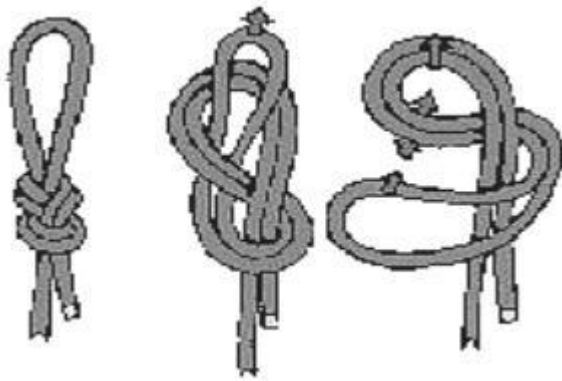


Figura 8: Nesta imagem temos o nó oito direcionado.

Esse nó deve ser colocado na cadeirinha por trás do “loop”, deixando – o livre, pois embora o material deva resistir a pesos elevados e quedas, é bom que ali seja uma área não desgastada. Numa eventual fatalidade e quando houver uma situação de emergência e resgate, é mais fácil e confiável usar-se o loop para proteção.

Um escalador raramente escala sozinho, existem pessoas que fazem isso, no entanto requer um alto grau de conhecimento, muitos anos de experiência e técnica, além de conhecer muito bem o local e seu próprio corpo.

Para escalar, seja em paredes artificiais, seja em rochas naturais, usamos vias. Essas vias são os caminhos pelos quais o escalador deve seguir pra chegar ao topo, ou ao final da subida. Em paredes artificiais as vias são geralmente diferenciadas com cores. Já nas paredes naturais, seguimos as vias através dos “p”, ou chapeletas. O “P” um pino de aço em forma de P fixo na pedra com resistência para 3.000 Kg, que nos dão a proteção para a subida.

A costura trata-se de dois mosquetões interligados por uma fita especial, no qual uma das pontas é ligada a rocha pelos “ P “ e a outra extremidade é onde se passa a corda para que o escalador esteja protegido até aquele ponto da subida.



Figura 9: Na imagem temos um P na rocha e uma costura sendo colocada

O importante ao se colocar a costura na rocha é certificar-se de que a abertura do mosquetão esteja contrário a direção da subida, pois em caso de eventual queda, embora seja raro, a corda agregado ao peso da pessoa pode fazer com que a trava se abra.



Figura 10: A imagem mostra a costura no P e a corda na costura, dessa maneira o escalador estará seguro

Ao alcançar o topo temos que fazer uma ancoragem ou parada, geralmente feita com dois “p”. Nesse caso usamos três mosquetões e uma fita para realização desse procedimento. De acordo com o Prof.Ms.Euricio P. César³, devemos fazer essa ancoragem de forma que o peso seja dividido entre os “p” e o ângulo formado seja inferior a 50%, pois dessa forma não apresenta risco de sobrecarga em nenhum dos pontos de fixação. Abaixo como se deve proceder a montagem da ancoragem no final da via, seguindo o conceito .F.R.E.S.E:

Forte – Bons sistemas de ancoragens são construídos com proteções sólidas, como uma proteção fixa, uma peça bem entalada ou um bloco imóvel;

Redundante – Sistemas de ancoragens precisam ser montados com múltiplos componentes, pois, no caso de uma proteção falhar, as outras não falharão;

Equalizada – Montar um sistema de ancoragens onde a carga é distribuída para todos os pontos de proteção, reduzindo assim a chance de um deles falhar;

Sem Extensão – O sistema de ancoragem deve ser elaborado de forma tal que, no caso de um dos pontos de proteção falhar, os pontos remanescentes não sofram cargas dinâmicas ou trancos.

³ [http://www.vertclimb.com.br/ESW/Files/Sistema de Ancoragem e Equalizaes.pdf](http://www.vertclimb.com.br/ESW/Files/Sistema_de_Ancoragem_e_Equalizaes.pdf)

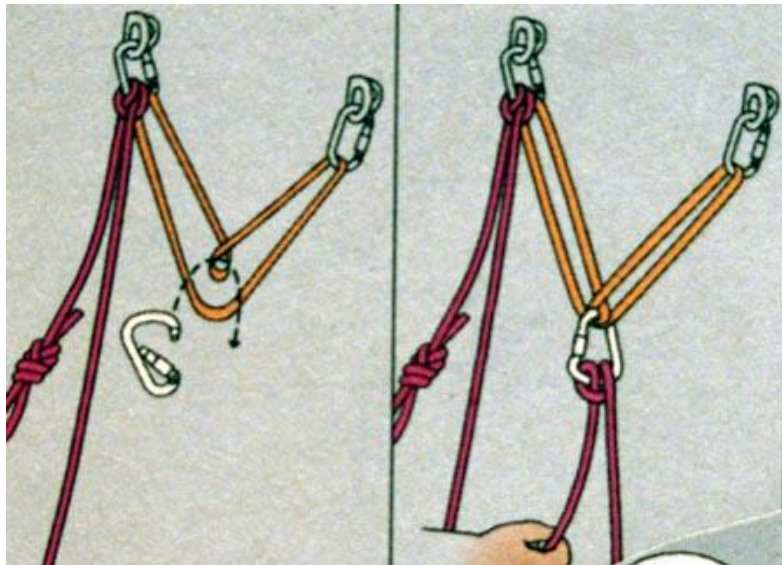


Figura 11: Esquema de como fazer uma parada/ancoragem equalizada

Deve usar três mosquetões de rosca, sendo que dois deles estarão presos nos “p” ou nas chapeletas. O passo seguinte é passar a fita por entre os mosquetões dando um laço no meio em apenas um dos lados. Deve-se então passar o outro mosquetão entre o elo criado ao torcer a fita e a outra parte da fita no qual restou. Então passa-se a corda no mosquetão, e está feita a ancoragem.

A ancoragem é um dos itens mais importantes. Existem erros clássicos de montagem, que podem comprometer a segurança do indivíduo. Um erro muito comum é dividir o peso em todas as extremidades da fita, ou seja, forma-se um triângulo e apenas prende-se o mosquetão em uma das fitas. O que pode acontecer é a fita não agüentar tamanha carga e partir-se.

4.2 Procedimento de descida.

O procedimento de descida pode ser feito de duas maneiras, baldinho ou rapel. O baldinho é descer pela parede usando a corda que subiu, no entanto, quem controla a descida é a pessoa que está fazendo sua proteção. Essa pessoa irá controlar a descida liberando corda e automaticamente essa pessoa irá descer.

O procedimento de rapel é um pouco mais complicado pois engloba a utilização de freio ATC ou OITO, e muita cautela.

Para começar a pessoa que for descer deve se certificar de que sua fita de segurança da cadeirinha esteja presa ao “p” ou a parada, nome dado a ancoragem citada acima. Certificado esse procedimento, a pessoa irá começar o procedimento de montagem do rapel. Em posse de um ATC, ela irá recolher toda a corda e passá-la por entre as argolas do P. Feito isso, passaremos as duas cordas por entre o ATC, e prenderemos ao mosquetão, (deve-se lembrar que o aro do equipamento deve estar por dentro do mosquetão de segurança atrelado a cadeirinha por uma fita). Certifique-se de que a trava do mosquetão esteja fechada.

A descida de rapel é controlada pela própria pessoa. A mão do escalador deverá estar perto do corpo, próximo a cintura e então de acordo com a pressão exercida sobre a corda conseguirá descer ou parar.

5 Escalada e deficientes visuais

Antigamente pensava-se que a pessoa que não enxergasse estava fadada a cumprir todos os anos de sua vida sentado, dentro de um ambiente controlado, no qual já estivesse totalmente acostumado para que não sofresse possíveis acidentes.

Sabemos que esse tipo de pensamento já não é mais aplicado. A deficiência visual não impede que a pessoa possa desenvolver qualquer tipo de atividade, seja ela perigosa ou não. Basta que para isso ela esteja preparada, bem amparada e instruída.

Para que um cego possa escalar é necessário que ele passe por um treinamento de reconhecimento de material, de posição corporal, entre outros que veremos a seguir.

De acordo Munster,(2004) é necessário que o deficiente visual passe por alguns estágios antes de iniciar seu primeiro com um muro de escalada ou uma rocha. São nove procedimentos adotados.

O primeiro item que a autora levou em consideração foi a preparação física. Por se tratar de um esporte em que há diversos tipos de capacidades físicas envolvidas: resistência muscular, flexibilidade, equilíbrio, força de explosão. É sugerido um programa paralelo de condicionamento muscular e alongamentos que sejam compatíveis com a atividade em questão. (MUNSTER, 2004)

O segundo passo foi o reconhecimento corporal e de equilíbrio. Para que o cego pudesse se adaptar aos diversos tipos de desequilíbrios que uma escalada pudesse promover, foi sugerido uma gama diversificada de jogos, cuja finalidade era promover o equilíbrio, que é um dos mais importantes fundamentos da escalada. Por muitas vezes nos encontramos em posições que dependem apenas de dois pontos de apoio, obrigando-nos a manter uma posição completamente diferente de qualquer uma realizada em solo, com intuito de evitar uma queda. (MUNSTER, 2004)

Para um leigo observar esse tipo de fundamento através de jogos lúdicos pode parecer perda de tempo, no entanto, devemos levar em consideração que o

publico escolhido não possui visão para se guiar e todo e qualquer tipo de treinamento é benéfico.

O terceiro passo, assim como qualquer outro participante dessa modalidade é saber realizar os nós principais, que segundo Beck (1995, p. 49), "um nó é sempre o ponto mais fraco de uma corda". Deve-se atentar, segundo a autora, que a aprendizagem de nós deve ser feita em duplas. As duplas devem executar e conferir os nós, tanto feito pelo parceiro quanto ao seu, seguindo um modelo-guia.

O reconhecimento do equipamento e do muro de escalada é o próximo item. Munster, (2004) ressalta, que em seu trabalho já houveram contatos com a maioria dos materiais de vertical. No entanto, pensando em segurança, nunca é demais retomar a apresentação dos mesmos. Para enriquecer a explicação, usou-se uma maquete de uma parede de escalada, onde seria possível explicar melhor o uso, esclarecer dúvidas sobre as agarras, o funcionamento dos sistemas de segurança.

A auto-equipagem e encordoamento foi novamente apresentado aos alunos, que puseram manuseá-los, explorar, e tirarem suas dúvidas quanto à função, utilização dos itens. Foi feito ainda, uma simulação, no qual os alunos se prendiam utilizando o nó oito guiado. O professor por medida de segurança conferiu os nós e passou o *feedback*.

A localização das agarras é algo que pode ser bem difícil para um deficiente visual, no entanto, foi sugerido um sistema de localização baseado em um relógio analógico de ponteiros. Os ponteiros seriam os membros da pessoa, e cada um poderia mover-se em uma direção: o braço direito pode se deslocar das 12 às 3 horas; perna direita das 3 até às 6 horas; perna esquerda das 6 às 9 horas; braço esquerdo das 9 às 12 horas. (MUNSTER, 2004)

No entanto, existem situações na escalada em que é necessário uma troca de apoios, ou cruzar os membros, nesse sentido seria necessário criar um sistema de localização baseado no segmento corporal. Caberia a pessoa vidente falar o quão próximo estaria a próxima agarra, e qual membro utilizar.

O passo a seguir, foi o de treinamento de quedas, para isso usou-se o sistema *top-rope*, que consiste em passar a corda em um ponto de apoio intermediário entre o escalador e a pessoa que faz a sua segurança. Esse tipo de sistema ajuda o praticante a adquirir confiança no equipamento. Tendo em vista esse conceito, usou-se uma escada encostada a um muro e medida que o aluno ia subindo, a corda ia sendo retesada pelo segurança, e quando ele se sentisse seguro, poderia então jogar-se para trás. O objetivo dessa atividade foi mostrar o quanto seguro é esse esporte, quando praticado com todos os equipamentos e procedimentos de segurança.

Antes que pudessem vivenciar como é subir uma rocha, os alunos foram encaminhados para uma parede de escalada artificial, no qual poderiam testar as agarras. Essa atividade aconteceu em dois momentos, no primeiro uma pessoa orientava o escalador, seguindo o sistema de horas, e informações táteis, para que pudesse ter sucesso na subida do muro. Em um segundo momento, deixou-se que os participantes ficassem livres para localizar as agarras sozinhos. Segundo a mesma autora, alguns alunos sentiam necessidade de tocar com as mãos o local em que colocariam os pés.

O último passo, sugerido por Munster,(2004), foi o treinamento de segurança, no qual todos tiveram a oportunidade de aprender a manipular a corda e o freio e aprendesse quando era necessário soltar ou retesar a corda de acordo com a necessidade do escalador. Esse treinamento deu-se primeiro em solo com a supervisão de um professor.

5.1 Saída a campo:

O local escolhido para prática em meio a natureza foi o Município de Pedra Bela, nas proximidades de Bragança Paulista, onde fica situada uma formação rochosa com aproximadamente 50m de altura, com o mesmo nome do município. Essa excursão teve o apoio de 3 membros do GEEU- Grupo de escalada esportiva da Unicamp.

As vias escolhidas tinham como grau de dificuldade o nível 3, com inclinação positiva que foi batizada de “ Maracujina”. Todos os participantes conseguiram alcançar o cume. Embora se pensasse que aqueles que possuíam algum resíduo visual teriam alguma vantagem sobre os demais totalmente cegos, o que se apresentou foi justamente o contrário.

Após entrevista, pode-se checar que dos sete participantes, as dificuldades apresentadas foram: dificuldade de localização das agarras, uma vez que no muro de escalada artificial, as agarras são mais salientes e evidentes que na rocha, cansaço muscular, fadiga. O que sugere um treinamento mais adequado e mais específico para prática dessa modalidade.

Quanto ao treinamento desenvolvido, a autora cita, que houve unanimidade quanto a importância dos exercícios e educativos. Vale ressaltar que o sistema de orientação por horas obteve total sucesso, seguidos pelos exercícios de equilíbrio e posicionamento básico, e a prática no muro artificial de escalada.

Perguntados sobre a motivação a maioria dos entrevistados (7) atribuiu o sucesso de chegar ao cume a fatores extrínsecos, como apoio dos monitores e instrutores, confiança no treinamento pelo qual foram submetidos, além de fatores intrínsecos, como o desejo de completar a subida. Outro fator que teve relevância, embora não podendo enxergar, muitos (5) citaram o medo e a insegurança causada pela escalada. Tal fator pode ser associado ao risco de queda, o não conhecimento da altura em que se está, e a falta de prática da modalidade.

A autora faz suas considerações finais Munster,(2004, p.193),

“...a cooperação e o apoio mútuo decorrentes do relacionamento interpessoal, podem ser considerados um fator determinante para a superação do desafio imposto pela montanha.”

PROCEDIMENTOS	CUIDADOS
Preparação física	Esse passo é necessário que se aplique em paralelo com o restante do aprendizado. A preparação física irá garantir a realização da atividade, uma vez que sempre será necessária a

	<p>utilização de capacidades físicas como elasticidade, força, resistência muscular. Portanto, faça um programa de fortalecimento/condicionamento físico em separado as atividades durante toda a fase de aprendizado.</p>
Reconhecimento Corporal e equilíbrio	<p>Algumas vezes como observado por Munster (2004), o deficiente terá a necessidade de tocar com as mãos o local onde colocará os pés. É necessário um programa de treinamento que contemple o máximo reconhecimento corporal, para que o aluno possa reconhecer o local em que colocará os pés e as mãos. Uma vez que, na escalada o fato de se soltar uma mão pode significar perda de um ponto de equilíbrio e conseqüentemente uma queda.</p>
Aprendizagem de nós	<p>Esse ponto é crucial que os deficientes visuais consiga executá-los de maneira correta e se possível rapidamente. Essa parte do treinamento deve ser executado e bem orientado exaustivamente ao longo do processo de aprendizado. O aluno deverá estar apto a fazer os nós, fazer a conferência do seu nó e do parceiro de escalada para que não haja falhas na segurança. Lembrando que sempre devemos ter uma pessoa vidente para que possa passar o feedback e esclarecer eventuais dúvidas.</p>
Reconhecimento dos equipamentos e do muro de escalada	<p>Diferentemente das pessoas videntes, uma pessoa com deficiência visual não conseguirá entender que tipo de material está sendo apresentado e sua utilidade sem tocá-lo. Esse é um dos pontos mais importantes, pois haverá uma variedade muito grande de materiais a serem descobertos e</p>


	<p>aprendidos. É necessário que se explique com calma, sem pressa, item por item. Cada peça deve ser entregue em mãos e explicadas sua utilização, se possível, individualmente. Com relação ao muro de escalada, uma maquete deve ser criada para que os alunos possam entender do que se trata escalar. A sugestão é criar algo grande, com cerca de um metro de altura para se ter noção do que será encontrado adiante.</p>
<p>Auto-equipagem e encordoamento</p>	<p>Esse ponto é a junção de dois outros passos mostrados anteriormente, o reconhecimento dos equipamentos e aprendizagem de nós. Portanto, espera-se que o aluno já esteja familiarizado com todo o material e nós. Porém, é necessário ensinar por onde a corda irá passar, a importância do nó bem feito. Pedir para o aluno detectar erros em um modelo-guia é um fator interessante para o aprendizado.</p>
<p>Localização Espacial</p>	<p>O sistema de horas usado por Munster, (2004) já é utilizado pela maioria das pessoas com deficiência visual em seu cotidiano. Devemos apenas ter o cuidado de saber orientar. No entanto, existem situações em que são necessárias troca de apoios, com membros cruzados, cuja realização deverá contar com o reconhecimento corporal do aluno.</p>  <p>The image shows a person in a black athletic outfit climbing a blue and green rock wall. A large, white, analog clock is overlaid on the right side of the image, showing the time as approximately 10:10. The clock has black numbers and hands. The background of the image is a textured rock wall with various climbing holds.</p>

Figura 12: Sistema de localização espacial

<p>Treinamento de quedas</p>	<p>Esse é um passo do treinamento muito importante, pois mesmo após vivenciarem esse treinamento, alguns dos alunos ao completar a subida relataram sentir medo, o que é normalmente esperado. No entanto, seria interessante fazer com que os deficientes pudessem vivenciar quedas de diversas alturas, esse treinamento pode ser realizado numa parede de escalada. Ou seja, ao chegar em uma determinada altura deve-se pedir que o aluno se solte para trás, desse modo ele irá sentir-se seguro em alturas mais elevadas</p>
<p>Vivência em muro real</p>	<p>Nesse ponto, deve estar preparado e pronto para se auto-equipar, fazer os nós, verificar se há erros no próprio equipamento e do parceiro. Deve saber reconhecer uma agarra, ter consciência corporal apurada para poder se localizar no muro e saber onde colocar os pontos de equilíbrio de acordo com as instruções passadas.</p>
<p>Segurança</p>	<p>O aprendizado de segurança é obrigatório. Todas as pessoas envolvidas devem saber manipular os freios, saber a hora em que é necessário retesar ou soltar a corda. Deve-se saber como passar a corda pelo freio e mosquetão que estarão atrelados a cadeirinha. A sintonia entre o guia (primeira pessoa que sobe) e o segurança deve estar apurada. É importante que o segurança saiba o momento que precisa soltar ou retesar a corda, no entanto, a comunicação verbal também é muito importante.</p>

Tabela 2: Procedimentos e cuidados

6 .Considerações Finais:

Não há como negar que os esportes de aventura/radical estão chegando/chegaram com força total ao cenário mundial. Muitas marcas famosas tem apostado seu dinheiro em marketing direto, pois são formas de estar atrelado a modalidades que tem em suas raízes o bem estar, a alegria e a superação.

Esse tipo de ação tem cativado e feito com que o número de participante dos mais variados tipos aumente, seja ele o esportista nato, o empresário cuja rotina é estressante e usa os esportes como válvula de escape, seja um deficiente físico andando numa cadeira de rodas em circuito de skate, ou mesmo um deficiente visual escalando.

Já provamos ser possível, desde que acompanhado e bem instruído que um deficiente visual consiga escalar. Segundo Munster,(2004) é possível sim que esse público alcance sucesso nesse tipo de esporte. A felicidade demonstrada por eles é inebriante, tal qual podemos obter (MUNSTER, 2004 p.192-193)

“ A gente tem limitações mas não tem limites, desde que nós confiemos em nós e tenhamos alguém que confie também. Então a sensação de chegar lá em cima é como uma grande vitória, algo de você se tornar um vencedor, não por ganhar um prêmio ou conquistar um lugar mais alto, mas uma vitória dentro de você mesmo e com outras pessoas, porque eu sabia que muitas pessoas ali estavam partilhando dessa mesma vitória.”

Embora esteja provado que os deficientes visuais possam e consigam escalar, o que me deixa em duvidas é qual o limite para eles. As vias escaladas e vistas no trabalho da autora acima são de 3º e 4º grau, ou seja, são vias cuja inclinação é positiva. A grande pergunta que para mim fica. Se seriam eles capazes de escalar vias com graus de dificuldades maior, com agarras menores e mais técnicas, com inclinação próxima a zero ou até mesmo negativa, mesmo sem ter a opção de

visualizar o próximo passo. Apenas confiando na pessoa de baixo ou de cima passando as instruções?

Deixo em aberto essas perguntas, e uma opção de trabalho de estudo, pois há pouquíssimas referências sobre o tema, não somente de escalada para deficientes, mas também para pessoas “normais”. Há uma carência enorme de material especializado sobre esse tema na área de educação física.

Referências Bibliográficas:

Araújo, **Paulo Ferreira de. Desporto adaptado no Brasil** : origem, institucionalização e atualidade/ Paulo Ferreira de Araújo. – Brasília : Ministerio da Educação e do Desporto / INDESP, 1998.

Beck, S. **Com unhas e dentes**. São Paulo: Edição do autor, 1995

Bedbrook, G.M – **The development and core of spinal cord paralysis** (1918-1986). Paraplegia, v.25, n.3, 1987

Bruhns, Heloisa Turini. **A Busca pela natureza**: turismo e aventura/Heloisa Turini Bruhns – Barueri, SP: Manoele, 2009

Carvalho, Artur José Squarisi de. **Esportes na natureza**: Estrategias de ensino do canionismo para pessoas com deficiência visual / Artur José Squarisi de Carvalho – Campinas, SP: 2005

Costa, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha**. Ed. Manole Ltda, São Paulo, 2000

Florence, Rachel Barbosa Poltronieri. **Medalhistas de Ouro nas Paraolimpíadas de Atenas**, 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado / Rachel Barbosa Poltronieri Florences. – Campinas, SP: [s.n], 2009

Garth Hattingh. **Escalada em roca e escalada de paredes**, Ed. Paidotribo, Barcelona, 2001

Garth Hattingh.**El Manual Del escalador** , Ed. Paidotribo, Barcelona, 1998

Gorla. J.I, Campana. M.B, Luciana Oliveira. L.Z (organizadores). **Teste e avaliação em esporte adaptado** – São Paulo : Phorte, 2009

MASINI, E. F. S. – **O Perceber e o Relacionar-se com o Deficiente Visual**. Brasília: Corde, 1994.

Marinho, A, Bruhns, H.T; tradução Arantes, A.J, Lopes, M.I.F, Gianini, M.L **Viagens, lazer e esporte/organizadoras** – Barueri; Manoele, 2006

Melo, H.F.R **Deficiência Visual**: lições praticas de orientação e mobilidade. Campinas: Editora da Unicamp, 1991

Munster, Mey de Abreu van. **Esportes na natureza e deficiência visual**: uma abordagem pedagógica / Mey de Abreu van Munster. - Campinas, SP: [s.n], 2004.

Romani. Vinicius, Umeda. Marjorie – **Esportes de Aventura ao seu alcance**. São Paulo, SP: Bei.Comunicação, 2002

http://www.finalsports.com.br/03/blog_guria/?p=1267 acessado no dia 19.10.2010)

<http://www.marski.org/artigos/tecnicas/155-grigri> acessado em 24.05.2011

http://www.blackdiamondbr.com.br/site/produtos/item.php?_p=44 acessado em 24.05.2011

<http://www.efdeportes.com/efd87/aventur.htm> - acessado em 14.09.10

<http://ies.portadoresdedeficiencia.vilabol.uol.com.br/DeficienciaVisual.htm>
(Acessado em 20.09.2010)

http://homologa.ambiente.sp.gov.br/EA/cursos/ciclo_palestras/visita_monitorada/Visual-ProfaMCecilia.pdf acessado em 20.09.2010

<http://www.cpb.org.br/conheca-o-cpb> - acessado em 13.06.2011

http://www.paralympic.org/Paralympic_Games/Past_Games/Beijing_2008/index.html - Acessado em 17.06.2011

http://www.vertclimb.com.br/ESW/Files/Sistema_de_Ancoragem_e_Equalizaes.pdf - acessado em 20.05.2011

http://aventurese.ig.com.br/materias/16/0401-0500/472/472_01.html acessado em 20.05.2011